

ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PRÁTICA EDUCATIVA CONTEXTUALIZADA A PARTIR DO ESTUDO DO MEIO SOBRE A VEGETAÇÃO DE HORIZONTE-CEARÁ

Teaching Geography in Early Childhood Education: A Contextualized Educational Approach Based on the Study of the Local Environment Focusing on the Vegetation of Horizonte, Ceará

André Leone Facundo

Doutor em Educação e Doutorando em Geografia – Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.
Professor da Rede Estadual de Educação do Ceará.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5869-6376>

andreleonefacundo@gmail.com

José Falcão Sobrinho

Doutor em Geografia Física -USP, Professor Associado da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7399-6502>

falcaosobral@gmail.com

Cleire Lima da Costa Falcão

Doutora em Geografia Física -USP. Professora Associada da Universidade Estadual do Ceará-UECE.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2250-0236>

cleire.falcao@uece.br

Artigo recebido em maio/2026 e aceito em julho/2026

RESUMO

Os estudos que integram as abordagens das grandes paisagens da vegetação brasileira fazem parte de um conjunto de aprendizagens essenciais ao longo das etapas da Educação Básica, no entanto eles são apresentados em uma escala de abrangência nacional. A partir disso, é necessário desenvolver metodologias que possam ser aplicadas ao ensino de Geografia, na qual os conteúdos sobre a paisagem do lugar e da região onde vivem os estudantes sejam contemplados de forma contextualizada, realizando conexões entre os conhecimentos que partem do particular para geral. Diante disso, a pesquisa teve como objetivo apresentar o Estudo do Meio como prática educativa para o ensino de Geografia a partir de aulas de campo acerca da Unidade Fitoecológica do Complexo Vegetacional da Zona Litorânea, maior unidade de vegetação presente na paisagem do município de Horizonte-Ceará, como potencialidade para a construção de uma educação contextualizada com crianças de um Centro de Educação Infantil, situada neste local. A metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa, atividades em sala e com práticas de aula de campo para o desenvolvimento da aprendizagem através da promoção de uma educação contextualizada a partir do ensino de Geografia.

Palavras-chave: Aula de Campo; Educação Contextualizada; Ensino de Geografia; Unidades Fitoecológicas; Vegetação.

ABSTRACT

Studies that incorporate approaches to the major landscapes of Brazilian vegetation are part of a set of essential learning outcomes throughout the stages of basic education; however, they are presented on a national scale. Consequently, it is necessary to develop methodologies that can be applied to the teaching of Geography, in which content regarding the landscape of the place and region where students live is addressed in a contextualized manner, establishing connections between knowledge that moves from the specific to the general. In light of this, the research aimed to present Environmental Studies as an educational practice for teaching Geography through field classes on the Phytoecological Unit of the Coastal Zone Vegetation Complex the largest vegetation unit present in the landscape of the municipality of Horizonte-Ceará as a means to build contextualized education with children from an Early Childhood Education Center located in this area. The methodology employed was a qualitative approach, involving classroom lessons and field lessons to foster learning through the promotion of contextualized education based on the teaching of Geography.

Keywords: Field Lesson; Contextualized Education; Teaching of Geography; Phytoecological Units; Vegetation.

1. INTRODUÇÃO

Os estudos que integram as abordagens da vegetação brasileira fazem parte de um conjunto de aprendizagens essenciais ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica que se encontram definidos na forma de Domínios Morfoclimáticos, Biomas, paisagens vegetais, dentre outras classificações. Estes conteúdos estão presentes nos livros didáticos, principal instrumento de acesso pedagógico aos conhecimentos produzidos ao longo do tempo e que trazem para o âmbito escolar uma abordagem nacional.

Destaca-se que os estudos sobre a vegetação na Educação Básica se alicerçam pelas classificações macroescalares presentes nos Biomas, Regiões Fitogeográficas, dentre outras formas de apresentar a diversidade da paisagem em grandes abrangências. Em algumas situações, a vegetação presente nos livros contempla o espaço vivido pelos estudantes, já em outras situações, ambientes cuja espacialidade é de uma escala regional ou local acabam não sendo apresentados, logo são destoantes do contexto espacial de vivência do educando.

Para tanto, os conhecimentos que integram as vivências locais dos estudantes passam a ser discutidas uma vez que é necessário estabelecer as conexões entre essas escalas de abrangência em que os conteúdos escolares estão inseridos. Considerando-se assim, a necessidade de se desenvolver metodologias que possam ser aplicadas ao ensino de Geografia, na qual os conteúdos sobre a paisagem do lugar e da região onde vivem os estudantes sejam sem contemplados de forma contextualizadas, realizando conexões entre os conhecimentos que partem do particular para geral, bem como os que estão presentes nos livros didáticos e nas percepções do dia a dia.

Na perspectiva da Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, os conhecimentos geográficos precisam estar de acordo com as vivências e experiências dos estudantes, tendo o meio

onde estão incluídos como um espaço de descobertas e de aprendizagens. Desta forma, ao perceber a necessidade de se estabelecer essas conexões partindo do local para geral, os estudos sobre a vegetação local e suas relações com outros componentes da natureza é fundamental para se possibilitar aos estudantes uma aprendizagem em que seu contexto de atuação seja levado em consideração.

Neste âmbito se destaca a importância de levar ao conhecimento dos discentes da Educação Infantil a classificação da paisagem do município de Horizonte, localizado no estado do Ceará a partir da vegetação presente na Unidade Fitoecológica do Complexo Vegetacional da Zona Litorânea de uma forma adequada à faixa etária comum desta etapa da Educação Básica.

Como exemplo disso, apresenta-se que a vegetação de Horizonte encontra-se em uma classificação regional denominada de Unidades Fitoecológicas, tendo em seu território diversas unidades que vão para além da que é apresentada pelos livros didáticos e pelos programas curriculares convencionais, sendo possível observar a existência e coexistência de cinco unidades, como a própria Caatinga que é expressão marcante do semiárido brasileiro, o Cerrado Costeiro, as Matas Ciliares, os Carnaubais e o Complexo Vegetacional da Zona Litorânea que é o objeto de estudo desta pesquisa e também objeto de aprendizagem para o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes.

Nesta pesquisa enfatizou-se a Unidade Fitoecológica do Complexo Vegetacional da Zona Litorânea como uma a vegetação que não possui homogeneidade na estrutura e na distribuição geográfica das espécies (Moro, *et al.* 2015). Ela apresenta uma coexistência entre as unidades de Cerrado e Caatinga que partem das áreas costeiras leste e norte do Oceano Atlântico no Ceará e adentram para o interior até encontrarem a Caatinga, no semiárido (Castro *et.al.* 2012).

A partir disso, esta pesquisa teve como objetivo apresentar o estudo do meio como prática educativa para o ensino de Geografia a partir de aulas de campo acerca da Unidade Fitoecológica do Complexo Vegetacional da Zona Litorânea como potencialidade para a construção de uma educação contextualizada voltada para estudantes do Centro de Educação Infantil (CEI) Adília Ferreira de Lima, situado no município de Horizonte.

Para tanto, a proposta de estudo do meio como metodologia para o ensino de Geografia se tornou um campo potencial de aprendizagens contextualizadas para os estudantes, uma vez que o meio passa a se tornar os próprios conhecimentos acerca do lugar, do espaço vivido e produzido pelos estudantes que lá estão com suas histórias, ações e identidades que se refletem nas relações sociais estabelecidas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa teve como bases referenciais o ensino de Geografia na Educação Infantil a partir de breves apontamentos da relação entre esta área do conhecimento com a primeira etapa da Educação Básica que se estabelece até os cinco anos de idade.

Em seguida foi apresentado as referências sobre o estudo do meio como um processo e uma metodologia para o ensino de Geografia de forma contextualizada aos espaços vividos por estudantes e por fim, são apresentadas na pesquisa as bases teóricas sobre a vegetação do Complexo Vegetacional da Zona Litorânea como um Unidade Fitoecológica da paisagem local, perfazendo assim o caminho referencial que sustentou a concepção pelo qual os estudantes da Educação Infantil de um CEI de Horizonte puderam fazer do ensino de Geografia e de uma aprendizagem contextualizada ao espaço de vivências deles.

2.1. O ensino de Geografia na Educação Infantil: breves apontamentos

A Educação é a primeira etapa da Educação Básica no Brasil. Ela se divide em dois momentos, o primeiro é a creche que atende às crianças de até três anos de idade, cuja matrícula não é obrigatória no sistema de ensino. O outro é a pré-escola que tem início aos quatro anos de idade e vai até os cinco, sendo esta parte de matrícula obrigatória e cuja finalidade é o pleno desenvolvimento do educando.

Segunda aponta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) instituída em 2017, a Educação Infantil como a primeira etapa da escolarização básica no Brasil, ela

é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada. Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo (BNCC, 2017, p. 36).

Por muito tempo a Educação Infantil ficou relegada aos processos secundários de educação e distante dos financiamentos públicos para a universalização da etapa, sendo o Ensino Fundamental a etapa que tinha destaque nas políticas públicas e nas formas de investimento na base da educação. Esta centralidade na segunda etapa da Educação Básica foi recebendo um novo olhar e ao longo dos últimos anos, a Educação Infantil passou a ganhar destaque e relevância no processo educativo.

Conforme destaca as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) de 2009, esta etapa é fundamental para que as crianças tenham contato com outras crianças, com a escola e com o meio em que estão inseridas. Cada uma delas vive um universo de aprendizagens e de interações inerentes à sua faixa etária. A convivência com outro, a criação de ciclos de amizades, o

mundo da imaginação e segurança para brincar e viver acompanham os objetivos da Educação Infantil (DCNEI, 2009).

Nela não há a sistematização do ensino como forma de conteúdos que integram os componentes curriculares e a divisão por áreas do conhecimento divididas em componentes curriculares como ocorrem nas etapas do Ensino Fundamental e Médio, mas sim uma aplicação holística dos saberes que são campos de experiências que vão ajudar a formar o pensamento, o desenvolvimento e aprendizagem dos educandos em processo de amplo e diversificado da infância.

Desta forma, a Geografia tem a função de promover a aprendizagem de cada estudante quanto aos aspectos da percepção, do contato com o meio em vive, com as diferentes formas de paisagem, do afeto ao lugar e da convivência em sociedade.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) de 1998, documento norteador da Educação Infantil no Brasil aponta que o ensino da Geografia ocorre a partir de elementos que apresentam a natureza e sociedade, como:

- Explorar o ambiente para que possa se relacionar com pessoas, estabelecer contato com pequenos animais, com plantas e com objetos diversos, manifestando curiosidade e interesse;
- Interessar-se e demonstrar curiosidade pelo mundo social e natural, formulando perguntas, imaginando soluções para compreendê-lo, manifestando opiniões próprias sobre os acontecimentos, buscando informações e confrontando ideias;
- Estabelecer relações entre o modo de vida característico de seu grupo social e de outros grupos;
- Estabelecer relações entre o meio ambiente e as formas de vida que ali se estabelecem, valorizando sua importância para a preservação das espécies e para a qualidade da vida humana (RCNEI, v. 3, 1998, p. 175).

Para a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que norteia a elaboração curricular da Educação Básica brasileira, aponta que há os eixos estruturantes para a Educação Infantil, como as interações e brincadeiras, na qual apresentam-se como uma alternativa que possibilitam o desenvolvimento da criança nos aspectos cognitivo e psicomotores do educando (BNCC, 2018).

Fernandes, Pereira e Santos Sobrinho (2026) corroboram afirmando que as crianças aprendem por meio das múltiplas interações que realizam com o outro, através de brincadeiras, criatividade, imaginação, experiências socioemocionais que proporcionam o desenvolvimento de questões relacionadas à aprendizagem e à psicomotricidade.

A partir dessa perspectiva acerca da finalidade da Educação Infantil, Silva (2014) destaca que no âmbito do ensino de Geografia, a utilização de metodologias que proporcionem a ludicidade, a atividade, a convivência e experiência no meio, a criança desenvolve noções básicas inerentes à Geografia, o espaço, tempo e a percepção.

Essas categorias geográficas no âmbito da Educação Infantil são campos de experiências que o estudante irá ter contato e se desenvolver a partir dos espaços, tempos, quantidades, relações e transformações em seu contexto e no seu contato. Desta forma, segundo a Base Nacional Curricular:

a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano (BNCC, 2017, p. 43).

Portanto, o ensino de Geografia na Educação Infantil não se trata da mesma organização presentes nas etapas subsequentes da Educação Básica com componentes curriculares previamente estabelecidos pelas áreas do conhecimento, mas uma etapa de desenvolvimento da criança em múltiplos aspectos sociais, afetivos, cognitivos, dentre outros, nas quais estão imbuídos no grande pilar da interação. Neste caso, a interação com meio e com o outro no espaço e no tempo, conhecendo as formas, objetos e estabelecendo conexões entre eles.

2.2. O estudo do meio como forma de educação contextualizada no ensino de Geografia

A partir do eixo da interação que é estruturante da Educação Infantil, uma proposta de ensino e de potencialidades para a aprendizagem é o estudo do meio aplicado à esta etapa da educação, na qual ele é um processo e uma metodologia que vem sendo destacados por estudiosos como uma ferramenta essencial para a aprendizagem dos estudantes em relação aos conteúdos propostos pelos currículos da Geografia Escolar e adotados pelo ensino de Geografia (Baliski, 2016). É a saída da sala de aula para o mundo aberto, para o espaço vivido e vivenciado pelos estudantes, é a leitura crítica e reflexiva do real para além dos muros da escola e das páginas dos livros didáticos.

Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) afirmam que o estudo do meio tem no processo de ensino uma característica metodológica interdisciplinar que pretende desvendar a complexidade de um espaço determinado em que a sua totalidade não se esgota e se compreende a partir de uma disciplina isolada. Para as autoras, o estudo do meio é um processo de descoberta quer seja no meio urbano ou no rural, pode desencadear a reflexão dos estudantes para que se possa produzir novos conhecimentos para além do livro didático.

Para Malysz (2011), o meio é um rico laboratório geográfico que pode ter suas potencialidades exploradas como recursos didáticos significativos para a aprendizagem dos educandos. O meio, segundo a autora, abrange várias escalas e lugares, podendo ser a sala de aula, o refeitório, o pátio, o entorno da escola, a praça, a rua, o bairro, o município e espaços com em outras escalas.

Nesse laboratório se pode explorar os lugares próximos e distantes em que devidamente bem trabalhados podem auxiliar na construção dos conceitos geográficos, as habilidades e os valores, na qual

Essa metodologia pressupõe que determinado lugar seja escolhido coletivamente pelos professores envolvidos e, com base nele, sejam desenvolvidas pesquisas pelos alunos, de modo que cada disciplina escolar contribua para um entendimento mais amplo e não tão compartimentado da realidade. Para tanto, as aulas de campo são fundamentais (Baliski, 2016, p. 145).

As metodologias que despertem a dinâmica do pensamento crítico e da formação cidadã encontram no trabalho docente a sua expressão. Pereira, Morais e Garcia (2020) apontam que

O ensino de Geografia pode ser realizado a partir de múltiplas estratégias metodológicas, cabendo ao docente buscar aquelas que despertem o pensamento e a reflexão do educando, que oportunizem a aprendizagem, contribuindo para a construção de uma visão dos fenômenos socioespaciais com base em abordagens conceituais pertinentes (Pereira; Morais; Garcia, 2020, p. 32).

Desta forma, acredita-se que o conhecimento do lugar, as transformações na paisagem, a produção do espaço, bem as territorialidades são atributos do estudo do meio que podem contribuir através da Geografia Escolar e do ensino de Geografia para o raciocínio espacial, geográfico e o desenvolvimento da aprendizagem e da formação para a cidadania dos estudantes, práticas sociais e cuidado com o ambiente em que estar incluído. Acerca disso, Targino e Costa Falcão, (2025, p. 151) apontam que “a Geografia no ensino básico é fundamental para a formação de cidadãos críticos e conscientes sobre os desafios socioambientais que os cercam”.

Considera-se neste contexto do estudo do meio no ensino de Geografia que por trás de qualquer proposta metodológica se esconde uma concepção do valor que se atribui ao ensino, tendo essas ideias em um processo de ensinar e aprender (Zabala, 1998).

Na perspectiva do estudo do meio, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) afirmam ele se torna um processo fundamental, pois é a saída do estudante para fora da escola em um espaço de aula e ali ocorre a possibilidade de um novo olhar sobre a realidade, tendo como um dos encaminhamentos a aula de campo que leva o estudante para fora dos espaços formais e o possibilita entender o conteúdo por meio das experiências e da própria percepção.

Essa saída amplia a possibilidade de compreensão entre os conhecimentos científicos, os conteúdos do ensino de Geografia e o contexto vivido como potencialidade de assimilação de novos conhecimentos. “Nesse sentido, o ensinar geografia é abrir espaço na sala de aula para o trabalho com os diferentes saberes dos agentes do processo de ensino – alunos e professores” (Cavalcanti, 2012, p. 45).

Destaca-se que a educação quando se volta para o ensino a partir do espaço vivido dos educandos, ela atrela os saberes escolares com os conhecimentos de mundo e de vivências locais de forma contextualizada, onde se realiza as conexões geográficas entre o espaço vivido e o mundo ao seu redor.

No âmbito da educação contextualizada, Falcão Sobrinho (2025) aponta que ela se trata de

uma abordagem pedagógica que busca relacionar os conteúdos e práticas educativas ao contexto sociocultural, econômico, histórico e ambiental dos educandos numa perspectiva local, valorizando o território. Busca, ainda, valorizar os saberes, as vivências dos alunos e as especificidades da comunidade em que estão inseridos, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais significativo e conectado à realidade. Tal perspectiva se associa aos saberes do educando com base na vivência local (Falcão Sobrinho, 2025, p. 24).

Desta forma, estabelecendo um diálogo entre o estudo do meio e a educação contextualizada, percebe-se a potencialidade de se desenvolver processo educativo que parte das vivências dos estudantes, das suas observações, críticas e afirmações no espaço em que ao vive-lo pode transformá-lo e se transformar.

Desta forma, “a educação contextualizada é uma abordagem que se fundamenta na realidade social dos estudantes, permitindo que o processo de ensino-aprendizagem seja integrado aos aspectos ambientais, sociais e culturais de cada contexto” (Ferreira; Teles, 2024, p. 46). Assim, o estudante quando passa a conhecer o meio vivido, pode formar pensamentos, raciocínios e conexões geográficas contextualizadas.

Nesta perspectiva, o autor ainda aponta que a educação contextualizada é pautada na

integração do saber com o ambiente, considerando as características naturais, socioambientais e culturais/ambientais do território, como a questão do solo, da água e do clima, os componentes naturais em sua totalidade, e os recursos a partir desses componentes, associando aos desafios locais, para contextualizar os conteúdos escolares (Falcão Sobrinho, 2025, p. 24).

Portanto, a educação quando se coloca em uma perspectiva contextualizada no ensino de Geografia tem como finalidade ensinar pelas experiências vividas, sobretudo no meio em que as pessoas estão envolvidas para a formação do pensamento geográfico dos estudantes.

2.3. A Unidade Fitoecológica do Complexo Vegetacional da Zona Litorânea

O Complexo Vegetacional da Zona Litorânea é uma unidade fitoecológica presente no sistema costeiro do litoral cearense. Segundo Moro *et al.*, (2015) as Unidades Fitoecológicas são o resultado da relação integrada dos componentes físico-naturais da paisagem, destacando-se pelas relações integradas entre clima, solos, relevo, geologia, recursos hídricos de uma dada região, sendo a vegetação o resultado dessa relação.

O Complexo Vegetacional se distribui que se localizam nos tabuleiros costeiros, feição geomorfológica local. Na paisagem da integração e coexistência com as demais unidades que estão na zona litorânea como as unidades fitoecológicas de Caatinga, do Cerrado e Matas Ciliares e Carnaubais. Os Tabuleiros Costeiros são feições geomorfológicas que precede à planície litorânea (Falcão Sobrinho *et al.*; 2025).

Segundo Moro *et al.* (2015), Figueiredo (1997) e Fernandes (1990), na região litorânea do Ceará ocorre um grupo heterogêneo de fitofisionomias que variam desde a vegetação herbácea de pós-praia, passando por matas dunares, manchas de vegetação savânica que caracterizam o Cerrado Costeiro até florestas estacionais semidecíduas chamadas localmente de “matas de tabuleiro”, que se distinguem da Caatinga por maior resistência aos períodos de seca e menos úmida que a Mata Atlântica.

Castro *et al.* (2012) afirmam que a mistura de espécies presentes no litoral cearense torna classificação das formações vegetais mais complexas. Dessa forma, há uma complexidade e dificuldade de classificar a espécie quanto a origem e distribuição no lugar. Fernandes (1998) considera toda a costa brasileira como pertencente à Sub-província Litorânea da Província Atlântica.

De acordo com a elaboração das unidades fitoecológicas do estado do Ceará, Figueiredo (1997) apresenta o litoral cearense como uma variedade vegetacional bem diversificada, com a presença de áreas de mangues, vegetação pioneira psamófila, floresta de retaguarda de dunas e o complexo vegetacional com a presença de um misto na vegetação que se distribui pelos tabuleiros pré-litorâneos.

Essa região sofre influências dos fatores marítimos, como o sistema de brisas que se formam em decorrência dos ventos alísios, além da formação de pequenos e pontuais sistemas atmosféricos que produzem chuvas isoladas ao longo do ano. Esse mosaico de condições ambientais permite a coexistência de espécies de caatinga, de cerrado, espécies psamófilas e até espécies florestais (Castro *et al.*; 2012).

Castro *et al.* (2012) afirmam que devido à proximidade geográfica do Oceano, as unidades de Caatinga, do Cerrado e da Mata Atlântica, permitem à esta área a formação de um ecótono muito peculiar, formando um complexo florístico-vegetacional que inclui espécies de caatinga, de cerrado, atlânticas e até amazônicas.

Portanto, a costa setentrional do Nordeste brasileiro tende a ser entendido a partir dos autores citados como um corredor ecológico entre o domínio do Cerrado de um lado e da Mata Atlântica do outro, sendo bordejado pela Caatinga que se apresenta na área em menor frequência, mas que é colocada como uma macro divisão da vegetação que se sobrepõe a essa unidade de vegetação mista presente nos tabuleiros pré-litorâneos.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa e foi realizada a partir de atividades educativas no âmbito do ensino de Geografia, na qual buscou através desta perspectiva apresentar o estudo do meio como uma prática pedagógica a partir de aulas de campo acerca da Unidade Fitoecológica do Complexo Vegetacional da Zona Litorânea como potencialidade para a construção de uma educação contextualizada voltada para estudantes do Centro de Educação Infantil (CEI) Adília Ferreira de Lima, situado no município de Horizonte, Ceará.

Este CEI fica localizado no bairro Mangueiral, na sede municipal e conta atualmente com cerca de 120 estudantes entre dois e cinco anos de idade, atendidos em turnos parciais das modalidades de Creche (até três anos) e Pré-escola (quatro e cinco anos). Esta pesquisa foi realizada com estudantes de uma turma de alunos com cinco anos idade, faixa etária final desta etapa de escolarização.

A partir da necessidade de trabalhar o meio como espaço de vivências dos estudantes na Educação Infantil referentes aos campos de experiências previstos na BNCC, foram realizadas aulas, oficinas e trabalhos de campo durante o mês de junho de 2025, com o projeto Junho Ambiental, ora voltado para as perspectivas do cuidado, proteção e valorização das questões ambientais a partir da Educação Básica.

Foram realizadas oficinas de pintura e colagem com os alunos durante as aulas com os professores da instituição, trazendo exemplares da vegetação local para se trabalhar na formação da aprendizagem dos educandos desta etapa. Em seguida foi realizada uma aula de campo no âmbito da Educação Infantil, metodologia presente no estudo do meio.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escolha dos conteúdos sobre a vegetação do lugar onde vivem os estudantes se torna um relevante instrumento para os processos de ensino e de aprendizagem de forma contextualizados ao espaço vivido pelos educandos que são percebidos por meios das imagens na cidade, no campo, pela recordação, pelo passar em uma estrada, nas formas, cores, sons e movimentos que a paisagem apresenta para eles e que estes podem abstrair dela.

Neste olhar, a criança vai formando seus conhecimentos de mundo e eles em um dado momento chegarão na escola e serão socializados, justificados e até mesmo confrontados. Isso pode ocorrer com os aspectos da paisagem, sobretudo no âmbito da vegetação local, onde em etapas mais avançadas da Educação Básica, os conteúdos que serão apresentados no ensino de Geografia poderão estar destoantes daqueles vividos pelos alunos, e isso é uma questão de escala e pertence docente as condições de promover uma aprendizagem de conexões entre o que se vive e o que se estuda.

Ao se observar a paisagem de Horizonte, os fatores geográficos locais condicionam o tipo de vegetação existente. Pela proximidade com o oceano, as unidades fitoecológicas predominantes diferem da maior parte do estado do Ceará, que são as unidades de Caatingas. Em Horizonte, a predominância é de Matas de Tabuleiro que faz parte de um misto vegetacional do Complexo da Zona Litorânea (Facundo, 2022).

Assim, quando o estudante se encontra em sala de aula e se depara com os estudos sobre a vegetação, o contato que terá vai ser sobre a Caatinga, possivelmente na classificação macroescalar dos Biomas, onde haverá uma dificuldade de fazer uma conexão entre o apresentado pelo professor e o vivido, podendo perdurar a dúvida e não ter acesso contextualizadamente ao tipo ou aos tipos vegetacionais do lugar.

Desta forma, tendo como base a educação contextualizada no ensino de Geografia, foi trabalhado o Complexo Vegetacional da Zona Litorânea com estudantes da Educação Infantil de Horizonte a partir de atividades relacionadas ao estudo do meio com suas diversas metodologias, como a aula de campo.

Para a realização das atividades foi escolhida uma turma de cinco anos de idade do CEI Adília Ferreira, na qual foram propostas ações educativas para o desenvolvimento de aprendizagens contextualizadas nesta etapa de educação. As atividades foram divididas em três momentos: as Atividades em sala, a Preparação do campo e a Prática na aula de campo.

A Atividades em sala foi o primeiro momento, caracterizado pela mediação dos prévios e os novos conhecimentos que os estudantes iriam assimilá-los aos que foram trabalhados em sala de aula.

Na figura a seguir pode ser observado os trabalhos realizados pelos estudantes em sala de aula durante a apresentação sobre a diversidade da vegetação local. Os estudantes realizaram assim, atividades no processo de construção do pensamento sobre a Unidade Fitoecológica do Complexo Vegetacional da Zona Litorânea no lugar onde vivem.



Figura 1 - Materiais produzidos por alunos durante atividade em sala de aula.

Estas atividades desempenham funções importantes nos processos de aprendizagem, uma vez que os estudantes têm contato com as cores, formas sobre o que veem, bem como podem relacionar aquilo produzem com a paisagem que percebem no seu entorno.

Na etapa de Preparação do campo o professor lançou mão dos objetivos que almejou alcançar para realização da aula de campo. Foi necessário neste momento a ida do professor ao espaço a ser trabalhado com os estudantes, procurando selecionar intencionalmente os ambientes para se apresentar o meio de forma que seja potencialmente assimilada pelos alunos.

Destaca-se que essa intencionalidade na educação se permeia na organização e na proposição que o professor procura levar como campo de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e poder também compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de seu dia a dia (BNCC, 2017).

Acerca desta etapa de preparação dos lugares para a aula de campo, pode-se observar na imagem a seguir o professor realizando a seleção de espécies da vegetação local para ser apresentada aos estudantes durante a aula.



Figura 2 - Preparação do ambiente para a aula de campo.

Considera-se assim que durante a seleção dos espaços para a aula de campo o educador se reflete suas intenções, seleciona, organiza e planeja as atividades, para assim mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações que estudantes irão realizar, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno dos educandos (BNCC, 2017).

Nesta fase pôde-se pensar no roteiro que seria seguido. Nela se pensou sobre as questões operacionais, viabilizando quais equipamentos e instrumentos que seriam utilizados para a realização da aula de campo como metodologia no Estudo do Meio.

Por fim, a etapa da Prática na aula de campo foi realizada com diversas paradas em lugares estratégicos previamente selecionados conforme a etapa anterior. Cada espaço levou os estudantes a

vivenciarem o contanto com a natureza, perceber as diferenças de formas que a paisagem reflete, bem como poder despertar sentidos acerca das percepções sobre o mundo ao seu redor.

Nesta perspectiva, os alunos puderam ver como é a estrutura de uma floresta em pé, bem como o contraditório que é ver um espaço atacado pela ação humana para fins sociais diversos, como a construção de moradias em loteamentos, a fábricas e os comércios. Todas essas peculiaridades do espaço em questão foram apresentadas e experienciados como forma de educação aplicada ao contexto local, conforme apresentado na figura seguinte:



Figura 3 - Explicação sobre a vegetação local.

Neste momento as crianças realizaram observações, perguntas, curiosidades, mostravam que uma árvore era igual a outra. Puderam ver as folhas verdes e secas, as vagens das sementes de algumas espécies, a relação delas com os animais, como o momento em que encontrarem um ninho de pássaros da fauna local, na qual puderam desenvolver habilidades básicas e fundamentais no processo de aprendizagem, como “identificar e selecionar fontes de informações, para responder a questões sobre a natureza, seus fenômenos, sua conservação. Interagir com o meio ambiente e com fenômenos naturais ou artificiais, demonstrando curiosidade e cuidado com relação a eles” (BNCC, 2017, p. 43).

Estas experiências de aprendizagens no meio podem-se observar a partir figura a seguir:



Figura 4 - Práticas de experiências vividas em campo pelos alunos.

Essas ações que as crianças desenvolveram, conforme a BNCC (2017), se trata de possibilidade de aprendizagens quando ela observa o espaço, questiona as coisas, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e ainda assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado através da ação e nas interações com o mundo físico e social.

Isso mostra que a saída da escola para o seu entorno retira a criança de uma zona convencional de aprendizagens e os levam a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo no meio, possibilitando assim, a necessidade do professor poder imprimir intencionalidades educativas às práticas pedagógicas na Educação Infantil como forma de aprendizagens significativas (BNCC, 2017).

Portanto, esses espaços com suas respectivas formas de paisagens que são vividos pelos educandos podem ser potencialmente estudados por eles, bem como podem ser organizados em suas estruturas cognitivas que possibilitem compressão do meio, das mudanças, das permanências e das formas que os desenvolvem ao estabelecerem diferentes escalas e conexões, sobretudo na Educação Infantil que se propõe a desenvolver aprendizagens que partam do local para o geral.

5. CONCLUSÃO

A aula de campo como parte fundamental do estudo meio é um processo e uma metodologia fundamental para a formação do pensamento geográficos, para as vivências dos sujeitos e a convivência deste com outros na formação das práticas sociais, da cidadania e da responsabilidade com o meio onde estão incluídos.

Neste contexto, a prática educativa de aula de campo como metodologia do estudo do meio precisou ser planejada para que os estudantes pudessem ver o espaço onde moram como campo de conhecimentos que aprenderam ou aprenderão na escola ao longo da vida. Esses conhecimentos são

assimilados juntamente com os saberes de cada um e que são socializados conforme a percepção e particulares inerentes à faixa etária deles.

Dessa forma, pode-se concluir que o objetivo de se apresentar o estudo do meio como prática educativa para o ensino de Geografia acerca da Unidade Fitoecológica do Complexo Vegetacional da Zona Litorânea como potencialidade para a construção de uma educação contextualizada com crianças do Centro de Educação Infantil Adília Ferreira de Lima obteve significativas contribuições para formação do pensamento geográfico dos estudantes quando puderam assimilar os conhecimentos da sala de aula com o espaço vivido na aula de campo em seu próprio lugar.

Portanto, a apresentação do estudo meio foi uma importante experiência para que se pudesse conhecer sobre a vegetação do Complexo Vegetacional da Zona Litorânea de Horizonte como conteúdo no ensino de Geografia. Essa metodologia, além de propiciar aos estudantes o conhecimento acerca de onde vivem, se tornou uma potencialidade educativa para que eles realizassem novos conhecimentos que levarão para etapas que ainda virão em suas jornadas escolares.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, A. N. **Os domínios de natureza do Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013. 144p.
- BALISK, P. **Encaminhamentos metodológicos para o ensino de Geografia**. Curitiba: Intersaberes: 2016. 254p.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- _____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CASTRO, A. S. F; MORO, M. F; MENEZES. O Complexo Vegetacional da Zona Litorânea no Ceará: Pecém, São Gonçalo do Amarante. **Acta Botânica Brasil**, v. 26, n. 1, p. 108-124, 2012.
- CAVALCANTI, L. S. **O ensino de geografia na escola**. Campinas: Papirus, 2012. 208p.
- FACUNDO, A. L; FERREIRA, A. J. S.; GOMES, F. P; NAZARÉ, M. M. E. **Horizonte: cidade da gente**. Fortaleza: Didáticos Editora, 2021.
- FALCÃO SOBRINHO, J.; LIMA, E. C.; COSTA FALCÃO, C. L. Os Semiáridos Cearenses. In: FALCÃO SOBRINHO, J.; OLIVEIRA, L. J. **Os Semiáridos Brasileiros: múltiplas paisagens**. Sertão Cult e Edições UVA, 2025.
- FALCÃO SOBRINHO, J.; OLIVEIRA, L. J. **Os Semiáridos Brasileiros: múltiplas paisagens**. Sertão Cult e Edições UVA, 2025.

FALCÃO SOBRINHO, J. Educação Contextualizada com o semiárido e os componentes naturais no ensino da Geografia. **International Journal Semiarid**, v. 8, n8, p. 23-21, 2025.

FERNANDES, A. **Fitogeografia Brasileira**. Fortaleza: Multigraf, 1998. 183p.

FERREIRA, E. V; TELES, G. A. Educação Contextualizada no Semiárido e o ensino dos componentes físicos naturais na Educação Básica. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, v. 1, n. 18, p. 45-62, 2024.

FIGUEIREDO, M. A. A cobertura vegetal do Ceará (Unidades Fitoecológicas). In: **Atlas do Ceará**. Governo do Estado do Ceará. Fortaleza: IPLANCE, 1997.

MORO, M. F.; MACEDO, M. B.; MOURA-FÉ, M. M.; CASTRO, A. S. F.; COSTA, R. C. Vegetação, unidades fitoecológicas e diversidade paisagística do estado do Ceará. **Rodriguésia**. v. 66, n. 3, p. 717-743. 2015.

MOREIRA, J. C; LEITE, B. C; GARCIA, L. V. M; SOUZA, L. F. de. Elaboração de cartilha educativa e interpretativa destinada ao público infantil: relato de experiência do Parque Nacional dos Campos Gerais – Paraná – Brasil. **Revista Conexão UEPG**. v. 15, n. 1, p. 76-82, 2019.

PEREIRA, E. C; MORAES, I. R. D; GARCIA, T. C. A pesquisa como metodologia de ensino na geografia escolar: Reflexões a partir de vivência no Ensino Fundamental. **Revista da ANPEGE**, v. 16, n. 30, p. 26-38, 2020.

TARGINO, Y. C.; COSTA FALCÃO, C. L. Geografia, educação contextualizada e o estudo dos riscos. **William Morris Davis - Revista de Geomorfologia**, v. 6, n. 1, p. 150–175, 2025.

ZABALA. A. **A prática educativa: ensinar**. Porto Alegre: Artimed, 1998. 224p.